

» América Latina... em busca de oceano

Madrid » 10 » 2016

Reflexões perante os próximos encontros internacionais no âmbito latino-americano

Com um breve intervalo de pouco mais de duas semanas, realizar-se-ão no território americano dois encontros internacionais de grande relevância para a região: por um lado, a Cimeira Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo, em Cartagena das Índias, nos próximos 28 e 29 de outubro e, por outro lado, a Cimeira da Apec, Fórum de Cooperação Ásia-Pacífico, que se realizará em Lima de 17 a 19 de novembro.

Curiosamente, cada um destes encontros internacionais tende a projetar o seu "olhar" e influência sobre um mar comum, uma massa oceânica que serve de ponto de encontro aos seus respetivos interesses, atlânticos no primeiro caso e pacíficos, no segundo.

OLHAR PARA ONDE?

A entrada da América Latina, já não numa profunda mudança de ciclo mas numa manifesta mudança de época, permite-nos a reflexão sobre aonde o subcontinente pode dirigir-se em busca de maior apoio e colaboração.

Por um lado, orientando os passos na direção dos seus parceiros naturais, tradicionais e históricos, como alguns os chamam, que têm por orla costeira comum o oceano Atlântico, com a Espanha a liderar a relação.

Por outro, concedendo o crédito aos novos parceiros, os da bacia do Pacífico, protagonistas do crescimento em infraestruturas e energia dos últimos anos na região e "culpados" pelo seu abrandamento ao arrefecerem os investimentos.



Talvez não seja acertado estabelecer esta dicotomia em termos práticos, pois os países latino-americanos continuam a precisar, hoje mais do que nunca, de investimentos e apoios, independentemente da zona geográfica de onde venham.

Contudo, no que diz respeito à geoestratégia, será bom saber de onde poderá vir a maior influência e sobre que bases se projetará o futuro da região.

Se estamos prontos para "mudar de época" no âmbito latino-americano, não há melhor altura para estes encontros internacionais ao mais alto nível, onde se exporá a realidade de cada orla costeira, de Cartagena ou de Lima...

25 ANOS DE CIMEIRAS IBERO-AMERICANAS

Desde aqueles dias em Guadalajara, México, pelo ano de 1991, quando se realizou a primeira cimeira ibero-americana, fórum pioneiro na região, ninguém poderia ter assegurado que este periódico encontro de chefes de estado e de governo chegaria a alcançar a sua vigésima quinta celebração.

Como bem mencionou o secretário-geral ibero-americano anterior, Enrique V. Iglesias, "quase um quarto de século de cimeiras anuais contínuas não deixa de ser uma conquista de destaque, quando no mesmo período o Sistema de Estados Interamericano, o mais antigo coletivo político das Américas, convocou em oito oportunidades os seus chefes de estado".

Definitivamente, a América Latina de agora não é igual à daquela época.

Teve de passar por uma "década perdida", depois por uma "década dourada" e por um início de década por batizar, para conformar uma realidade que já é mais autónoma na sua relação com a Europa.

Agora, conta-se com organizações como a Celac ou a Unasul, que não aceitam presenças externas à região, e aparecem outros blocos económicos de países com interesses muito variados, como o Mercosul, a Aliança do Pacífico ou inclusivamente a Alba, em declínio.

Neste contexto, o processo de renovação das cimeiras ibero-americanas, que começaram em Cádiz e culminaram em Veracruz, transformou o funcionamento destes encontros, com base no Relatório Lagos.

O resultado permitiu alterar a periodicidade na celebração das cimeiras, concentrar as prioridades e pensar que a cooperação é o "KPI" ou a medida do sucesso deste tipo de atividades.

Às vezes, são os de fora que nos dão crédito e é o que se produz no âmbito da cooperação Sul-Sul, na qual as Nações Unidas reconhecem a liderança ibero-americana nesta matéria, que representa o intercâmbio de recursos, tecnologia e conhecimento entre países em desenvolvimento, com mais de 7500 projetos desde 2007.

Com esta bagagem, é difícil não coincidir com a atual secretária-geral ibero-americana, Rebeca Grynspan, que definiu os presidentes que organizaram a primeira cimeira como “verdadeiramente à frente do seu tempo, havendo poucos exemplos de diálogo ininterrupto entre dezenas de países ao longo de um quarto de século”.

O enfoque das cimeiras virou-se claramente para o futuro: empreendimento, jovens, educação e onde grande quantidade de programas, bolsas, acordos de colaboração, etc., organizados pela SEGIB se sucedem no tempo, isso sim, com pouco conhecimento do público em geral, mas com grande impacto na jovem população latino-americana. Um exemplo paradigmático é o recém-batizado “Campus Ibero-América”, um verdadeiro programa Erasmus da região, centrado na mobilidade académica regional em que participam mais de 500 universidades e do qual se esperam mais de 200 000 beneficiados para 2020.

Como acontece noutras ocasiões, é o Encontro Empresarial, paralelo à cimeira, que põe por terra as propostas políticas e as declarações grandiloquentes. Nesta edição, são numerosos os líderes empresariais que já se comprometeram a comparecer no evento, sem dúvida conscientes de que o mercado ibero-americano, composto por 600 milhões de pessoas, 10 % da população mundial e com uma força económica que equivaleria, no seu conjunto, à terceira economia mundial, é um mercado que requer atenção e cuidadoso acompanhamento.

Apesar dos vaivéns que tradicionalmente abalam a região, em termos de crescimento e desenvolvimento, os empresários ibero-americanos não querem agora deixar de debater os temas que os preocupam verdadeiramente. Tal como o presidente do BID, Luis Alberto Moreno, assinalava recentemente, as preocupações do empresariado são o fomento da inovação nas pequenas e grandes empresas, como aumentar o comércio e o investimento entre os países ibero-americanos, como educar os que vão assumir os empregos do futuro ou, em suma, como enfrentar a revolução tecnológica na qual estamos imersos.

Economia, desenvolvimento e investimento são os termos principais na nova relação ibero-americana. Estes elementos veem-se entrelaçados por uma argamassa de valores, princípios e história comum que acrescenta um elemento que o diferencia de uma simples relação comercial, como é o caso da criação desse “espaço ibero-americano”, formado por pessoas e o que estas criam: empresas, instituições, etc., tão real como a vida propriamente dita.

OLHANDO PARA O PACÍFICO

Perante este contexto atlântico, que com tanta força se representa no formato das cimeiras ibero-americanas, não podemos esquecer que, já há alguns anos, outras forças expansivas têm exercido a sua influência sobre a América Latina com desigual efeito.

As economias asiáticas, lideradas pela China, viram-se beneficiadas pela interligação proporcionada pela Bacia do Pacífico, vendo-se na costa oeste americana, de Tijuana à Terra do Fogo, uma ampla ponte que permite um cómodo desembarque no conjunto da região.

E a China não perdeu sua oportunidade. Desde a entrada do gigante asiático na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, as relações comerciais com a América Latina foram crescendo de maneira exponencial, convertendo-se num momento de explosão no comércio entre ambos os territórios. Em poucos anos, a China tornou-se o segundo parceiro comercial da região, ultrapassada apenas pelos Estados Unidos. A procura de matérias-primas foi uma das alavancas do crescimento, muito relevante para alguns países latino-americanos com importantes reservas de hidrocarbonetos, minerais e produtos agrícolas prontos para a exportação.

Tais foram a influência e a conexão entre ambos os territórios que, surpreendentemente, a maioria dos analistas coincide numa “sincronização do ciclo económico do gigante asiático com a América Latina”, como bem assinalam os especialistas da Cepal. Desta manei-

“O enfoque das cimeiras virou-se claramente para o futuro: empreendimento, jovens, educação”

ra, o crescimento chinês ia nivelado com o arranque das economias latino-americanas e, conseqüentemente, o “arrefecimento” chinês não podia provocar outra coisa senão o “resfriamento” latino-americano. E isto é exatamente o que tem vindo a acontecer desde o fim de 2012, uma desaceleração da economia chinesa, agravada por uma queda dos preços dos produtos primários nos mercados internacionais. De acordo com as referências da OCDE, os dados de comércio durante 2015 marcam claramente esta tendência de queda das exportações em direção à China por parte da maioria dos países latino-americanos pela primeira vez em muitos anos.

Neste novo cenário, de marcada incerteza, é onde o Fórum de Cooperação Económica Ásia-Pacífico, a cimeira da Apec se reúne em Lima nos próximos 17 a 19 de novembro de

2016. A Apec, como mecanismo de cooperação económica, preocupa-se com o desenvolvimento do comércio, com os investimentos, com a cooperação técnica e com tudo o que possa gerar riqueza para os seus 21 países membros, todos eles localizados na Bacia do Pacífico.

Sem dúvida alguma, os países latino-americanos participantes, Peru, Chile e México, juntamente com muitos outros que podem beneficiar-se indiretamente, estarão ávidos por receber toda a cooperação e apoio que possam ser proporcionados por agentes mundiais, com a China à cabeça, e outros não menos importantes, como a Rússia, o Japão, a Coreia do Sul, a Austrália, entre outros, desde o distante Pacífico e outros mais próximos e influentes, como os Estados Unidos e o Canadá.

Nos seus 27 anos de história, será a quarta vez que a Apec se reúne em território latino-americano, e o Peru não quis desperdiçar a oportunidade para assinalar como tema central desta cimeira “o crescimento de qualidade e o desenvolvimento humano” que permita o crescimento económico, mas também a erradicação da pobreza. É curioso que esta iniquidade que se pretende corrigir não só seja própria dos países latino-americanos, mas um fator comum da maioria dos países desta ampla bacia do Pacífico.

Esta convocatória da Apec, portanto, não pode ser mais interessante, tanto pelo contexto como pela escolha do lugar e pelas altas expectativas que estão a gerar-se em torno dela.

PACÍFICO OU ATLÂNTICO? TALVEZ NÃO SEJA NECESSÁRIO ESCOLHER...

Esta dupla convocatória internacional, que coincide no tempo mas que apresenta interesses e áreas de influência bastante díspares, poderia chegar a originar para alguns países latino-americanos a disjunção de ter de escolher entre olhar para o Atlântico, tradicional bacia de relação, ou voltar os olhos para o Pacífico, de onde sopram os novos tempos.

Nada mais longe da realidade. Se a América Latina demonstrou nalgum momento a sua verdadeira força, esta provém do seu dinamismo e capacidade de adaptação às novas circunstâncias, sem preconceitos históricos nem referências obsoletas, respeitando valores e interesses comuns, mas também abrindo-se a novas oportunidades, de onde quer que venham.

Tendo ultrapassado a “América para os americanos” da Doutrina Monroe, agora seria de péssimo gosto falar de uma América para os atlânticos ou uma América para os pacíficos, quando esta América Latina está a ser capaz de olhar para ambos os lados, com a habilidade e coragem de “pescar em ambos os oceanos”.

A jovem população latino-americana e as empresas e instituições que esta cria continuam a ser um foco de atração de investimentos e novos projetos. As árvores da conjuntura atual não vão impedir ver o bosque de uma região onde é possível fazer negócios, aqui e agora.

As centenas de empresas, líderes empresariais e políticos que vão participar nos encontros empresariais de Cartagena das Índias e Lima já sabem.



Claudio Vallejo é diretor sênior do Latam Desk em LLORENTE & CUENCA Espanha. É formado em direito e diplomado em estudos avançados em comunicação (DEA) pela Universidade Complutense de Madrid, especializado em relações internacionais e marketing internacional pela Universidade de Kent, em Cantuária, Reino Unido. Anteriormente, trabalhou como consultor sênior da KREAB, multinacional de comunicação estratégica e assuntos oficiais. Como diretor de comunicação atuou em várias empresas relevantes em cada um de seus setores, tais como a CODERE, a ENCE e a SOLUZIONA e é responsável internacional de comunicação da empresa elétrica UNION FENOSA. Antes desta experiência empresarial, Claudio foi agregado comercial no

Escritório Comercial da Embaixada de Espanha em Quito, Equador.

cvallejo@llorenteycuenca.com

d+i desenvolvendo ideias

LLORENTE & CUENCA

Desenvolvendo Ideias é o Departamento de Liderança através do Conhecimento da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

Desenvolvendo Ideias é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Porque a realidade não é preta ou branca existe
Desenvolvendo Ideias na LLORENTE & CUENCA

www.desarrollando-ideas.com
www.revista-uno.com.br

